

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Luan Vinicius Bernardelli
(Organizador)



Luan Vinicius Bernardelli

(Organizador)

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E19	A economia numa perspectiva interdisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Luan Vinicius Bernardelli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-505-1 DOI 10.22533/at.ed.051193007 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia. I. Bernardelli, Luan Vinicius. II. Título. CDD 330
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A ciência econômica é marcada pelo estudo do funcionamento dos mercados, determinação das taxas de juros, câmbio, entre diversos outros aspectos que são relacionados aos aspectos gerais macroeconômicos e microeconômicos. Contudo, o estudo das ciências econômicas possui um forte caráter multidisciplinar, o que potencializa o impacto dos estudos econômicos na sociedade.

É fundamental compreender como os agentes se organizam economicamente e, de maneira constante, buscar aprimorar a qualidade de vida das pessoas. O estudo da economia tem como finalidade principal aumentar o bem-estar da sociedade, contudo, trata-se de um processo complexo que envolve uma série de fatores.

Dessa forma, a multidisciplinaridade tem muito a oferecer para o desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, para o entendimento das relações econômicas entre os seres humanos. Nesse sentido, no e-book “A economia numa Perspectiva Interdisciplinar”, apresenta-se artigos que contribuem para o estudo das ciências econômicas sob o enfoque multidisciplinar, abordando importantes temas sobre as atuais relações econômicas entre os agentes.

A complexidade dos agentes econômicos impossibilita a reprodução e o entendimento das relações econômicas por meio de uma ciência exata. Nesse sentido, a economia é estudada como uma ciência social, que deve ser constantemente testada e mensurada, a fim de se aprimorar o modo de organização social.

A organização deste livro não está pautada sob um critério único, dado a diversidade de temas e métodos que são apresentados. Neste livro, o leitor poderá contemplar 35 capítulos que debatem a economia numa perspectiva interdisciplinar. Os trabalhos abrangem diversas temáticas, como o desenvolvimento econômico sob o enfoque regional e territorial, a fim de mostrar a importância do espaço e da região nos estudos econômicos. Questões relacionadas ao comportamento do consumidor nos tempos atuais também podem ser apreciadas. Importantes conceitos sobre uma Economia Solidária, que se trata de uma temática de estudo em constante evolução no Brasil e possibilita o desenvolvimento de formas alternativas de geração de emprego e renda, principalmente para pessoas de baixa renda. Além disso, diversos outros textos discutem questões pertinentes no atual contexto econômico.

Neste livro também se encontram trabalhos sobre diversas regiões e estados brasileiros, evidenciando que, além de uma grande diversidade em relação aos temas e métodos, a ciência econômica sob caráter interdisciplinar está sendo investigada em todo território nacional e contribui com todas regiões do Brasil. Dessa forma, o leitor poderá contemplar estudos de pesquisadores de todo o país, de Universidades Estaduais, Federais, centros e instituto de pesquisa, entre outras importantes entidades contribuintes à ciência nacional.

Por fim, desejo que o leitor desfrute dos artigos apresentados nesta edição, ressaltando a importância do estudo das ciências econômicas sob caráter

interdisciplinar. Certamente, este livro dará suporte aos leitores para a compreensão da importância do estudo da economia e suas áreas correlatas.

Luan Vinicius Bernardelli,
Doutorando em Teoria Econômica pelo PCE/UEM

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (DO OESTE) DE SANTA CATARINA: ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Alyne Sehnem Juliano Luis Fossá Marcia Berti Fiorin	
DOI 10.22533/at.ed.0511930071	
CAPÍTULO 2	13
A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL	
Seonária Costa Santana Alane Amorim Barbosa Dias Cleudson Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0511930072	
CAPÍTULO 3	21
O PAPEL DO TERRITÓRIO NOS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS REDES SOLIDÁRIAS	
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza Auro Aparecido Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930073	
CAPÍTULO 4	33
A ECONOMIA PAULISTA ANTES DO CAFÉ: AGRICULTURA, COMÉRCIO E DINÂMICAS MERCANTIS NA REGIÃO DE “SERRA ACIMA” (C. 1800-C. 1820)	
Marco Volpini Micheli	
DOI 10.22533/at.ed.0511930074	
CAPÍTULO 5	60
CAFEICULTURA, URBANIZAÇÃO E CAPITALISMO: O CAMPO E A CIDADE NO SÉCULO XIX, JUIZ DE FORA-MG	
Felipe Marinho Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.0511930075	
CAPÍTULO 6	74
MODA, CULTURA E CONSUMO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	
Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri	
DOI 10.22533/at.ed.0511930076	
CAPÍTULO 7	87
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR E NOVAS PROCURAS: OS VALORES CULTURAIS DO QUEIJO MINAS ARTESANAL	
Lélis Maia de Brito Lidiane Nunes da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0511930077	

CAPÍTULO 8	99
COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE	
Juliana Abonizio	
Eveline Teixeira Baptistella	
DOI 10.22533/at.ed.0511930078	
CAPÍTULO 9	112
CONSUMO, BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA	
Telmara O. Benevides Campos	
Ricardo de Araújo Kalid	
Milton Ferreira da Silva Junior	
Maria Olímpia Batista de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930079	
CAPÍTULO 10	125
OS PASSATEMPOS DA VIAGEM: UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE CONSUMO NOS BRT DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	
Marília do Nascimento Silva	
Alcides Jairon Lacerda Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.05119300710	
CAPÍTULO 11	137
CONECTANDO AGRICULTURA – ALIMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO	
Caroline Conteratto	
Álvaro Sérgio Oliveira	
Daiane Thaise Oliveira Faoro	
Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300711	
CAPÍTULO 12	147
ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO COMO BASES PARA UMA NOVA CONDIÇÃO MATERIAL DA EXISTÊNCIA	
Yuri Rodrigues da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05119300712	
CAPÍTULO 13	159
DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM SOLIDÁRIA	
Gabriel Gualhanone Nemirovsky	
Édi Augusto Benini	
Elcio Gustavo Benini	
Eziel Gualberto de Oliveira	
Henrique Tahan Novaes	
Martina Nogueira Lima	
Raphael Camargo Penteadó	
Gustavo Henrique Petean	
DOI 10.22533/at.ed.05119300713	

CAPÍTULO 14	173
ECONOMIA SOLIDÁRIA, PRÁTICAS ESPACIAIS E TERRITÓRIOS DISSIDENTES EM RIO CLARO (SP)- BRASIL	
Auro Aparecido Mendes Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	
DOI 10.22533/at.ed.05119300714	
CAPÍTULO 15	182
EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PARCERIA POTENTE NA LUTA POLÍTICA	
Ana Elídia Torres	
DOI 10.22533/at.ed.05119300715	
CAPÍTULO 16	191
UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Lourença Santiago Ribeiro Diego Palma de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.05119300716	
CAPÍTULO 17	201
GERAÇÃO DE RENDA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA COM USUÁRIOS DE CAPS-AD II	
Gabriela Zanim Patrícia Tosta Soares Regina Célia Fiorati	
DOI 10.22533/at.ed.05119300717	
CAPÍTULO 18	213
CURSO FORMATIVO PARA O FORTALECIMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SAUDÁVEL EM RIBEIRÃO PRETO-SP	
Mariana Pantoni Santana Regina Célia Fiorati Perla Calil Pongeluppe Wadhy Rebehy Regina Yoneko Dakuzaku Carretta Daniel Yacoub Bellissimo Julia Terra Ribeiro do Vale Marta Cristiane Alves Pereira Rogério Cerávolo Calia José Luiz Bahia Patrícia Soares	
DOI 10.22533/at.ed.05119300718	
CAPÍTULO 19	222
ESTUDO DE CASO: IMPLANTAÇÃO DE UMA INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA UTFPR/ CÂMPUS DE APUCARANA	
Márcia Cristina Alves Marcelo Capre Dias	
DOI 10.22533/at.ed.05119300719	

CAPÍTULO 20	234
SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles Wesley Freire dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300720	
CAPÍTULO 21	246
O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS	
Raoni Fernandes Azerêdo Pedro Ivan Christoffoli Anelize de Souza Muller Campos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300721	
CAPÍTULO 22	258
ELEMENTOS PARA A DETERMINAÇÃO MATERIAL DO DIREITO NOS TEXTOS ECONÔMICOS TARDIOS DE MARX: O MOVIMENTO DO DIREITO NA VIA CLÁSSICA	
Lucas Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05119300722	
CAPÍTULO 23	278
FORMAS ESTATAIS E REGIMES DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	
Matheus de Araújo Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.05119300723	
CAPÍTULO 24	291
EVOLUÇÃO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA EXTRATIVA E INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2000 A 2011	
Luciane Rosa de Oliveira Bruna Márcia Machado Moraes Angélica Pott de Medeiros Reisoli Bender Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300724	
CAPÍTULO 25	311
MODELO DE GESTÃO PARA AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS MEDIANTE A APLICAÇÃO DE MÉTODO SWOT	
Caroline Conteratto Laura Possani Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300725	
CAPÍTULO 26	322
MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA	
José Maria Ferreira Costa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.05119300726	

CAPÍTULO 27	335
RELEVÂNCIA DA IMAGEM CORPORATIVA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UM ESTUDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300727	
CAPÍTULO 28	347
EBC: A CIDADANIA PERDIDA	
Valéria de Castro Fonseca	
Célia Maria Ladeira Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05119300728	
CAPÍTULO 29	358
A PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS (DES)ASSISTIDOS TRABALHADORES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS	
Arlete Candido Monteiro Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300729	
CAPÍTULO 30	372
IMPACTOS DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA DO CARVÃO MINERAL NA ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA	
Eduardo Netto Zanette	
Silvio Parodi Oliveira Camilo	
DOI 10.22533/at.ed.05119300730	
CAPÍTULO 31	395
VIVER ENTRE O MAR E A TERRA: UMA COMPARAÇÃO DO PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS PERSEGUIDOS PELO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO EM SALVADOR E CARTAGENA DAS ÍNDIAS XVI-XVII	
Jéssika de Souza Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.05119300731	
CAPÍTULO 32	415
OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves	
Fellipe Sá Brasileiro	
Edilson Targino de Melo Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300732	
CAPÍTULO 33	425
RÁDIOS LIVRES E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MUDA	
Ricardo Franco Llanos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300733	
CAPÍTULO 34	438
GESTÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA EM UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI	
Tiago Santos Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.05119300734	

CAPÍTULO 35	449
<i>SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL</i>	
Flávio Gomes da Silva Lisboa	
Marilene Zazula Beatriz	
DOI 10.22533/at.ed.05119300735	
SOBRE O ORGANIZADOR	460

O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS

Raoni Fernandes Azerêdo

Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) Campus de Alenquer. Membro do Núcleo de Estudos em Cooperação (NECOOP/UFFS); raoniazereado@gmail.com. Alenquer/Pará.

Pedro Ivan Christoffoli

Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Laranjeiras do Sul. Membro do NECOOP/UFFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Cooperativismo Popular, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional.; pedroivanc@gmail.com. Laranjeiras do Sul/Paraná.

Anelize de Souza Muller Campos

Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável - UFFS e Membro do Núcleo de Estudos em Cooperação (NECOOP/UFFS); anelizerural1@gmail.com. Laranjeiras do Sul/Paraná.

RESUMO: Partindo de aproximações à realidade vivenciada por grupos e instituições de cooperação regionais, a experimentação pedagógica articulada à extensão na disciplina de cooperativismo da Universidade da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul (UFFS) busca articular a prática social com o processo de reflexão/teorização. Inspirados em uma metodologia baseada na práxis. Busca-se a inserção de alunos de graduação junto a processos acompanhados pelo Núcleo de

Estudos em Cooperativismo (NECOOP/UFFS) de forma a que o conhecimento possa fincar raízes na formação dos educandos, ao passo que contribua para avanços na experiência cooperativa dos empreendimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; Ensino em Cooperativismo; UFFS

THE CHALLENGE OF THE ARTICULATION BETWEEN GRADUATION AND EXTENSION PRACTICES: CASE STUDY OF THE COOPERATIVISM THEME AT UFFS

ABSTRACT: Based on approximations to the reality experienced by groups and institutions of regional cooperation, the pedagogical experimentation articulated to the extension in the cooperative discipline of the Universidade da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul (UFFS) seeks to articulate social practice with the process of reflection / theorization. Inspired by a methodology based on praxis. We are looking for the insertion of undergraduate students in processes accompanied by the Nucleus of Cooperative Studies (NECOOP / UFFS) so that knowledge can establish roots in the education of learners, while contributing to advances in the cooperative experience of enterprises.

KEYWORDS: Extension; Teaching in Cooperativism; UFFS

1 | INTRODUÇÃO

Neste artigo inicialmente dialogamos com a necessidade de inserir e articular a extensão junto ao ensino de graduação, seja como exigência legal, seja pelo desafio de um ensino que converse com a realidade e permita a formação de profissionais comprometidos com a transformação social.

Por seu caráter coletivo, o objetivo principal do texto, é refletir sobre um processo em construção, em que a metodologia de ensino experimentada na UFFS articula disciplinas ligadas à temática do cooperativismo, envolvendo educandos e empreendimentos solidários da região. A extensão considerada como um trabalho social útil (MELO NETO, 2012), possui uma intencionalidade de viés duplo: a) incrementando a indissociabilidade ensino e pesquisa e b) anunciando as mudanças num processo de desalienação, ao resgatar valores que parecem estar esquecidos: o respeito ao outro e a promoção ao diálogo.

Busca-se analisar como este processo de aprendizagem, pode vir a contribuir no fomento de uma cultura da cooperação na região, e sobretudo, que articule esses educandos com os processos de incubação dos empreendimentos econômicos solidários (EES) apoiados pelo Núcleo de Estudos em Cooperação (NECOOP), promovendo ao mesmo tempo um processo educativo dialógico, ressaltando a construção de uma práxis coletiva a partir da realidade concreta e dos anseios dos EES numa perspectiva de transformação social.

O texto, portanto, busca discutir os avanços e desafios desse processo tão prenhe de potencialidades, mas ao mesmo tempo, ainda não desvelado em termos de processos e métodos eficazes a serem desenvolvidos.

2 | A UNIVERSIDADE E A DISPUTA PELO CONHECIMENTO

Desde os anos 1960 Paulo Freire alertava sobre o equívoco gnosiológico envolvido no processo escolar. A concepção de que os alunos nada sabiam e ali estavam para receber (para serem enchidos com...) os conhecimentos transmitidos pelos professores, os verdadeiros detentores do saber, era dominante. Contudo, seria lêdo engano imaginar que essa realidade esteja superada. A universidade brasileira ainda segue sendo um dos feudos onde o ensino bancarizado se perpetua, agora contraposto ainda por uma tendência à mercantilização do saber e das atividades próprias das Instituições de Ensino Superior (IES).

Para Minto (2012, a história da educação superior no Brasil está enraizada no modo peculiar como se desenvolveu a sociedade de classes no País, tendo como base material as particularidades do desenvolvimento brasileiro e sua relação imanente com o desenvolvimento global do modo de produção capitalista.

Apoiamos-nos no autor sobre o fato de que a configuração do processo de educação superior no Brasil e as respectivas diretrizes metodológicas das Instituição

de Ensino Superior (IES) são resultados dos rumos e interesses do embate que as classes travam no processo de luta social. Se o papel conservador a serviços dos nichos do mercado neoliberal e da reprodução capitalista são cada vez mais nítidos nas IES, se faz essencial perceber o movimento histórico que os movimentos sociais trilham no caminho pela democratização e radicalização do ensino. Que no contexto brasileiro esta a mercê do capital de várias formas, em um processo de mercantilização.

Nas dinâmicas das lutas da classe trabalhadora, por mais que esta ainda não tenha penetrado nos interesses e estruturas que definem os rumos das IES, vêm procurando pautar novas questões para o ensino superior, pela produção de conhecimentos que permitam ações concretas na realidade em articulação com os setores populares. Ainda conforme Minto (2012), a classe trabalhadora deve enfrentar os desafios para que as IES se tornem espaços de contradições acirradas, permitindo que se convertam em armas efetivas do processo de transformação das relações sociais.

Portanto não cabe às IES se estenderem por si só à sociedade, é necessário que os movimentos sociais em particular, forcem a transformação, pautando nas IES. Não apenas as suas demandas de ensino e pesquisas de acordo com tais contradições da realidade, mas que também apontem para novas formas de realização do processo produtivo e reprodutivo dos intelectuais e da própria classe trabalhadora.

3 | A EDUCAÇÃO PARA O CAPITAL - ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

Vivemos no Brasil, novas exigências para o ensino superior, que a partir do Plano Nacional de Educação – PNE (Lei 13.005/2014) prevê “[...] no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social.” (BRASIL, 2014, p.74). Esta curricularização desafia as Instituições de Ensino Superior (IES) a repensarem suas concepções e práticas extensionistas, “historicamente assistencialistas ou mercantilistas e, excepcionalmente alinhadas às demandas da sociedade e à dinâmica curricular” (IMPERATORE; PEDDE, 2016).

Segundo os autores citados acima, a confirmação da Extensão como componente obrigatório acadêmico, ao mesmo tempo em que abre um leque de possibilidades, desnuda entraves e dificuldades a serem enfrentados em sua implementação, a saber:

- a)** a mercadorização da educação; **b)** o academicismo e o autoritarismo da universidade, despreparada para o diálogo de saberes com a sociedade
- c)** a departamentalização da universidade que implica na fragmentação do conhecimento, na irreconciliabilidade de ensino pesquisa-extensão tendo como conseqüências o encarceramento do conhecimento na sala de aula/ensino, a

hierarquização do conhecimento e a histórica posição subalterna da Extensão; **d)** A imprecisão teórico-conceitual e metodológica, o conflito identitário da Extensão latente e presente nos documentos institucionais e na legislação, sua insuficiente sistematização e incipiente avaliação, que redundam na proposição de meros e simples arranjos, inserções de ações desarticuladas na “grade curricular”; **e)** a armadilha do currículo, da disciplinaridade, da compartimentalização que ameaçam a lógica extensionista, seu sentido epistemológico, sua essência crítica e interdisciplinar; **f)** a deficiente formação docente em Extensão, a desvalorização do fazer extensionista na carreira, remuneração e currículo docentes (2016. p. 7)

Sobre esta última questão, sob a égide do modelo de produção *toyotista*, cada vez mais o mercado demanda profissionais com competências desenhadas para atender aos interesses do capital destacando-se: a) a resolução de problemas complexos; b) a reflexão com base em pensamento crítico; c) o estímulo à criatividade; d) habilidades na gestão de pessoas; e) coordenação com outras pessoas (equipes); f) inteligência emocional; g) julgamento e tomada de decisão; h) orientação para serviços; i) habilidade para negociação; j) flexibilidade cognitiva. (DESJARDINS, 2018).

Há dúvidas entretanto, se de fato esse modelo formativo é exigido para o conjunto dos trabalhadores (sob o domínio do capital), ou se apenas ao segmento mais especializado, voltado a ideação de novos negócios ou à maximização de lucros nos setores dinâmicos do capital, que necessitariam tal perfil formativo. O tragicômico dessa história é que a educação moldada pelo capital vai tolhendo a criatividade e desenvolvimento livre das pessoas, desde a infância escolar, como forma de sua adequação ao sistema de fábrica, ao sistema de cumprimento obediente às exigências dos capitalistas no processo de trabalho. Contudo, a nova proposta formativa, defendida em prosa e verso pelos organismos internacionais capitalistas, propugna a uma parcela dos trabalhadores uma des-repressão, ao final da sua carreira formativa, para servir nas áreas de fronteira necessárias à reprodução ampliada do capital.

A emergência das tecnologias de informação digitais, a onipresença da rede de internet, e o desenvolvimento de aplicativos e algoritmos invasivos, coloca a possibilidade de abertura de processos de apropriação do saber coletivo pelo capital, em formas inovadoras (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2008). Cada vez mais sistemas abertos à contribuição (consciente, induzida ou até mesmo ilegal) da multidão (crowdsourcing, crowdfunding) possibilitam que empresas se apropriem de sugestões, comentários e até mesmo conteúdos gerados pelas pessoas comuns, e que posteriormente são comercializados por essas empresas. Exemplos mais destacados disso são o YouTube e o Facebook. Mas inúmeros aplicativos coletam opiniões e informações acerca dos usuários, para posteriormente utilizá-las com finalidade de obter lucro.

Assim, a institucionalização dos 10% da carga horária curricular em atividades de extensão, requereria uma nova mentalidade e dinâmicas pedagógicas, necessárias

ao atendimento das exigências da sociedade ou apenas adequações de fôrma e ainda alguns ajustes superficiais, para poder dar conta da nova demanda dos setores de ponta? Temos aqui uma bifurcação, uma oportunidade para de fato des-reprimir o sistema educativo, abrindo-o para relações com o real e suas contradições, ou de aprofundar no sentido do papel subordinado da educação pública à valorização do capital.

Daí concluir-se que o ponto de partida para a implementação dessa meta situa-se no patamar das boas intenções, mas o seu destino ainda em aberto. Para além de novos arranjos didático-metodológicos, a discussão é epistemológica, com vistas à construção de projetos sistêmicos, coesos e coerentes que deem conta das novas linguagens, imagens, lógicas, conceitos, experiências intersubjetivas, habilidades e competências cognitivas – convergência dos saberes necessária. Mas as perguntas centrais são: para quê e para quem servirão esses saberes e competências?

4 | A UFFS E O ENSINO DE COOPERATIVISMO

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) criada para atender com Ensino Superior, Extensão e Pesquisa à população de 396 municípios que compõem a Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul e adjacências -- uma região historicamente desassistida pelo poder público, especialmente no tocante ao acesso à educação superior.

O *campus* Laranjeiras do Sul/PR é fruto de luta e persistência de movimentos sociais do campo, entidades, prefeituras e população do território da cidadania Cantuquiriguaçu em promover o desenvolvimento local. Propondo uma universidade que tenha na agricultura familiar e camponesa um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento e como premissa a valorização e a superação da matriz produtiva existente. Esse território abrange uma área de 13.986,40 Km² e é composto por 20 municípios.

O Diagnóstico Sócio- Econômico do território, tomando por referência o CENSO 2000, mostra que a Cantuquiriguaçu se destaca negativamente no estado do Paraná pelos altos índices de pobreza, com 26.159 famílias consideradas pobres, renda familiar per capita de até meio salário mínimo, representando 41,9% do total de famílias, além de déficit habitacional e de infra-estrutura em parte das residências. Tais dados justificam o elevado processo de êxodo regional verificado nas últimas décadas rumo à capital do PR e cidades litorâneas de SC. Os Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) da Cantuquiriguaçu, são todos menores que a média estadual e nacional. Mesmo Laranjeiras do Sul, que registra o índice mais elevado (0,753), encontra-se distante da média estadual (0,787). Todos os municípios do território situam-se inclusive abaixo da média brasileira (0,766).

A concepção que vem sendo construída no *campus* Laranjeiras do Sul, sobretudo no Núcleo de Estudos em Cooperação - NECOOP/UFFS é a busca constante de

integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão como elementos indissociável de uma universidade, que se pretende comprometido com a transformação social. Entretanto, afirmar apenas isso não destoaria do discurso oficial das IES brasileiras, tão acostumadas com o dizer desvinculado do fazer, conforme nos alertava José Martí, herói da luta pela independência cubana.

Os projetos desenvolvidos pelo NECOOP procuram estar diretamente ligados a temáticas tratadas em diferentes disciplinas inseridas nos PPCs dos cursos de Economia (com linha de formação em Cooperativismo e Desenvolvimento Regional) e Agronomia (com ênfase em agroecologia). Sendo o programa uma grande oportunidade aos educandos de desenvolverem atividades práticas vinculadas diretamente a competências e habilidades adquiridas no curso.

Conforme o projeto pedagógico dos cursos pode ser observado, que vários componentes curriculares envolvem a atividade de extensão e cooperativismo, dentre elas, as disciplinas Extensão rural, Teoria cooperativista I, Economia da Cooperação, Projetos de Cooperativismo, entre outras que abordam transversalmente este tema.

Deve-se mencionar que no interior do NECOOP/UFFS vem sendo construída especialmente no fomento a extensão universitária: a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares na Cantuquiriguaçu, tendo relação intrínseca com grupos produtivos da economia solidária (urbano/rural), movimentos sociais do campo (MST, MPA), cooperativas de crédito (Cresol e Crehnor), etc. Ao mesmo tempo a proposta de inserção dos educandos não é casual ou secundária na UFFS e no NECOOP, mas sim forma parte de uma estratégia possível e viável de formação com base na resolução de problemas reais, em equipes autogestionadas, fomentando o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais fundamentais para a formação dos educandos.

Sendo assim, esta inserção dos educandos na extensão se mostra um campo privilegiado de novas pesquisas para o devido e necessário aprimoramento do ensino acadêmico, de modo a qualificação constante do papel da universidade. Como nos ensina o Prof. José Francisco de Melo Neto (2004), a extensão tem a missão de fazer a universidade sair dos seus muros, permitindo a seus participantes a elaboração de problemas existentes a partir da discussão da realidade vivenciada.

Desta forma, além de possibilitar explicações teóricas, é capaz de dar respostas às necessidades da sociedade. Entretanto, essas respostas, devem ser construídas em diálogo com os atores sociais.

5 | DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA À EXPERIMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DE NOVO TIPO - O CASO DA DISCIPLINA TEORIA COOPERATIVISTA

Essa seção questiona a “educação bancária” (FREIRE, 2005), concebida como forma de ensinar dos docentes nas IES, na medida em que reproduzem o título

de “detentores do conhecimento a ser transmitido” aos educandos. Sendo assim utilizam de uma forma fragmentada e linear do conhecimento, onde sua figura de professor-policial (TRAGTENBERG, 1990), importa discutir os meios sem discutir os fins da educação.

Por outro lado, aportando-se especialmente em Maurício Tragtenberg, observa-se que este sistema de aprendizagem, pode provocar dialeticamente dois pontos fundantes nos educandos: Primeiro o inculcamento das normas de passividade, subserviência e docilidade, através de uma constante repressão pedagógica. Segundo, os educandos ao serem injetados com tais doses altíssimas de tranqüilizante no meio universitário, podem vir a perceber o martírio do “saber burocratizado” como único “legítimo”. Questionando-se numa simples pergunta: este conhecimento a quem e para que serve?

Superar esse primeiro ponto, e avançar no segundo ponto do esquema descrito, demanda encontrar uma turma propensa e motivada a realizar um aprendizado diferente. No entanto cabe principalmente ao docente, experimentar práticas pedagógicas, que consigam contemplar a vivência do educando, suas inquietudes sobre determinados temas, em aprendizagem significativa.

Clodomir de Moraes antigo dirigente das Ligas Camponesas chama a atenção para a potencialidade dos processos formativos a partir de uma concepção práxis de lógica formativa. Segundo ele a capacitação organizativa, ou seja, a preparação de quadros organizadores de processos cooperativos e associativos não se pode dar dissociada de uma práxis organizacional, de uma prática real em que os educandos se inserem em processos que promovem contradições e reflexões teóricas voltadas à compreensão das dinâmicas complexas dos processos sociais. Assim como não se aprende a andar de bicicleta sem montar em uma, também não se aprende cooperação, sem participar de processos cooperativos e de organização complexa.

Entendemos que para Clodomir de Moraes, tendo por base o mesmo pensamento freiriano, ressalta-se que não basta só a reflexão sobre determinado assunto, pois se corre o risco de que este vire mero discurso.

Por outro lado, a experimentação embrionária da disciplina Teoria Cooperativista, tem por orientação, suscitar nos educandos o espírito crítico, a curiosidade, a não aceitação do conhecimento simplesmente transferido.

Tendo a clareza que a reflexão não pode ser destituída da ação no ensino de aprendizagem nas IES, a disciplina Teoria Cooperativista da UFFS, vem se apoiando, ainda que embrionariamente, em algumas experiências em que o desenvolvimento pedagógico por base de práxis autogestionárias vem avançando: Escola da Ponte em Portugal; Universidade de Mondragon/País Basco-Espanha; O Curso Técnico em Administração de Cooperativas- TAC/MST, entre outros.

A problematização inicial da disciplina foi pactuar com os educandos a nova abordagem da disciplina no semestre 2015.1. Assim no primeiro momento das aulas ocorreria a “entrega teórica” e na outra parte seria de discussões/debates/

reflexões sobre textos, vídeos e espaços para que os grupos autogerissem o trabalho final da disciplina, sobre temas e experiências concretas, em que se propuseram a desenvolver. Estes educandos teriam neste espaço a monitoria da equipe do NECOOP, juntamente com o professor responsável pela disciplina. Aqui é possível um diálogo da metodologia proposta com a categoria de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky. Sob qual o papel do núcleo seria estabelecer com cada grupo uma estratégia, onde os desafios estão bem caracterizados e representam aquisições possíveis para o estágio de cada grupo (nem tão distantes que desmotivem pela impossibilidade de alcance, nem tão fáceis que desmotivem pela obviedade ou pelo faz-de-conta).

Sobre o trabalho final da disciplina, no primeiro momento ficou a cargo dos educandos levantarem situações reais de temas no campo em experiências associativas regionais realmente existentes, a serem trabalhados. Tais situações exigem a introdução de conhecimentos teóricos para sua interpretação, por isso a importância do primeiro momento da aula ser de aprofundamento conceitual. No entanto verificamos que esta primeira parte necessita de aprimoramentos metodológicos, especialmente com leituras prévias sobre determinado assunto, que instiguem indagações para o debate. Também não se conseguiu evoluir para uma estruturação dialética da relação entrega teórica X prática de pesquisa e intervenção junto aos grupos e organizações cooperativas.

Assim, a partir de uma maior organização do conhecimento, os educandos devem iniciar um processo de sistematização, onde a caneta e o papel, precisam ser constantemente exercitados. Neste sentido, faz parte do sistema de avaliação da disciplina que cada educando descreva uma reflexão a partir de debates semi-estruturados, vídeos, atividades de estudos de caso, entre outros recursos, que possibilitam a gradual apropriação crítica - o que chamamos de memorial descritivo. O objetivo desse memorial é fazer com que o educando reflita sobre os processos vivenciados, seja em sala de aula, seja na prática junto aos grupos.

No avançar do trabalho já desenvolvido em outros semestres em que se propôs essas atividades, atualmente buscamos sistematizar antecipadamente a organização metodológica para desenvolver o trabalho. Assim no início do semestre a equipe NECOOP, reuniu-se para pensar e analisar os trabalhos desenvolvidos anteriormente, a partir dessa análise, foram estabelecidos roteiros/fichas de estudo elaboradas de acordo com cada frente de trabalho do núcleo junto aos EES ou escolas. Essas fichas apresentam uma breve introdução com histórico da atividade desenvolvida, na sequência propõe um roteiro que exige do grupo de educandos uma sistematização metodológica e organizativa do trabalho, permitindo que a equipe NECOOP junto com o professor consiga acompanhar de modo mais ordenado o andamento do processo.

Para nós, compartilhando do pensamento de José Francisco de Melo Neto, a possibilidade de modificar relações culturais que fortaleçam a cooperação e a

valorização do trabalho associativo nestes educandos, só se dará a partir de uma aproximação e intervenções em experiências concretas, por exemplo nos EES. Assim compreendendo os desafios a serem enfrentados pelos EES, os educandos com a monitoria do NECOOP, podem definir melhor os passos seguintes das ações do trabalho final da disciplina.

Na seção seguinte, refletimos com mais elementos sobre esta experimentação pedagógica ainda que inacabada, que articulada com o NECOOP, especialmente com a ITCP assenta-se em uma metodologia direcionada para que estes educandos possam relacionar-se com um outro projeto de desenvolvimento societal.

6 | REFLEXÕES SOBRE LIMITES E POTENCIALIDADES DA RELAÇÃO ENSINO DO COOPERATIVISMO X INCUBAÇÃO DE EES

As experiências em andamento na UFFS, não só em Laranjeiras do Sul, mas também em outros campi da instituição, como em Cerro Largo e Erechim (no RS) e Chapecó (em SC), buscam estimular o cooperativismo e associativismo como formas básicas de sociabilidade e como elementos portadores de uma capacidade de promover o desenvolvimento regional numa lógica contra hegemônica, ou ainda, ao menos, numa perspectiva equitativa e inclusiva .

Entretanto são experiências ainda localizadas e pouco consolidadas na instituição e que necessitam de um amplo desenvolvimento e maturação. Observadas essas reservas, no entanto, é possível identificar elementos promissores, assim como limites claros, no processo em discussão.

6.1 Potencialidades

O processo desencadeado com a disciplina de Teoria Cooperativista possibilitou identificar algumas potencialidades que serão aqui descritas em tópicos, alguns bastante iniciais, tendo em vista a pouca maturidade da experiência.

- Capacidade de ação com os grupos - o fato de em cada disciplina poderem se constituir mais de uma dezena de grupos de trabalho possibilita direcionar essa energia crítica e criadora para a resolução de dezenas de questões e problemas enfrentados pelos coletivos da ECOSOL. Se conjugarmos ações longitudinais do NECOOP/ITCP com ações pontuais (transversais) das diversas disciplinas
- Formação de possíveis quadros para atuar na Incubadora;
- Formação de possíveis quadros profissionais para trabalharem nas cooperativas ou organizações da região;
- Ser um embrião na universidade, para gradativamente, articulado a outros docentes, transformar o método de ensino, e conseqüentemente o processo formativo como um todo.
- Para o NECOOP, ter um panorama atualizado das demandas de alguns EES e organizações/mov. Sociais, o que pode vir a contribuir para melhor

elucidar estratégias de construção e atuação.

Além dos pontos destacados enquanto processo formativo da equipe do NECOOP, envolver-se com grupos de trabalho organizando na disciplina, qualifica o processo de formação, uma vez que as atividades exigem várias retomadas, para ir qualificando, sendo essa a riqueza do método, pois exige dos membros uma leitura mais afinada, para ajudar na orientação dos trabalhos desenvolvidos a partir da sala de aula.

6.2 Limites

- a) Identificou-se num primeiro momento um grande envolvimento dos educandos no processo. Contudo, a medida em que a prática vem sendo aplicada em apenas uma das disciplinas cursadas pelos alunos (alguns cursam mais de 10 disciplinas no semestre), e que as demais aplicam os mecanismos tradicionais de cobrança e envolvimento (provas, frequência, trabalhos teóricos, seminários). Ocorre um rebaixamento no nível de envolvimento dos alunos no processo.
- b) Essa primeira experiência não deu conta de articular os conteúdos das entregas teóricas, as demandas das atividades aplicadas e as cobranças reais dos grupos sociais acompanhados. Aqui entendemos não ser suficiente prever momentos de práticas. Mas sim, o desafio seria construir processos de práxis educativa onde a teoria dialogue fortemente com a vivência real dos educandos em interação com os grupos.
- c) Limites dos tempos de dedicação dos alunos, mas também dos professores - Essa dinâmica exige um grau de envolvimento muito maior de alunos e professores, e maior flexibilidade no acompanhamento, já que os problemas e casos levantados são reais e, muitas vezes, complexos, portanto, de difícil análise e resolução.
- d) A necessidade de um grande planejamento e preparação de materiais didáticos, estudos de caso, relatórios, vídeos e análises e indicações de leituras para os grupos.
- e) A experiência deste ano buscou avançar em alguns elementos da dinâmica. O desafio ainda maior é ampliar a experiência de forma a dar flexibilidade ao processo e maior grau de autonomia dos alunos na dinâmica das aulas, de forma a que os mesmos pudessem optar e definir pela ordem em que abordariam os conteúdos previstos nas ementas da disciplina, e não ficar presos a uma ordem pré-estabelecida de conteúdos e formas. Aqui o desafio é se abrir para as possibilidades e desafios do real, mediado pelos projetos de trabalho dos grupos de alunos.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada, ainda em processo de construção, e não isenta de falhas e inviabilidades, é também, e muito, uma oportunidade de se abrir novas sendas para a construção coletiva do conhecimento como parte do processo de formação de sujeitos sociais cognoscentes e criadores de uma realidade autogestionária.

Por ser processo, está aberta a construções e a limites que, uma vez não superados, podem levar a contradições insolúveis e à derrocada da experiência. Entretanto, ancorada e inspirada em experiências diversas que apontaram um caminho claro de resultados promissores na formação de quadros para experiências de autogestão na produção e na condução da luta social, espera-se trazer contribuições para a relação ecosol e educação em instituições de ensino superior.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 13. 005 de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 03 jun. 2019.]

DESJARDINS, J. **10 skills you'll need to survive the rise of automation**. In The World Economic Fórum 2018. Disponível em <https://www.weforum.org/agenda/2018/07/the-skills-needed-to-survive-the-robot-invasion-of-the-workplace> Acessado em Acesso em: 03 jun. 2019.]

ENFF, ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **Projeto político pedagógico do curso básico de formação de militantes**. São Paulo/SP: MST/setor de formação, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

IMPERATORE, S. L. B; PEDDE, V. **“Curricularização” da Extensão Universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública**. Universidade FEEVALE. 2016

MARIÁTEGUI, J. C. A crise da universidade: crise de professores e crise das ideias In MARIÁTEGUI, José C. **Mariatégui** – Sobre educação (seleção e tradução de Luiz Bernardo Pericás). São Paul/SP: Xamã, 2007, p.39-43.

MELO NETO, José Francisco de. **O trabalho: sua centralidade no mundo contemporâneo**. PRINCÍPIA (CEFET/PB), João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 5-10, 2003.

_____. **Extensão universitária e produção do conhecimento**. Conceitos, João Pessoa - PB, v. 5, n. 9, p. 13-19, 2003.

MINTO, L. W. Educação superior e movimentos sociais: sentido histórico e questões atuais in: RODRIGUES, Fabiana C. NOVAES, H. BATISTA, E. (org) **Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital**. São Paulo-SP: Outras expressões, 2012.

NOVAES, H. T (org). **Reatando um fio interrompido: A relação universidade-movimentos sociais na América Latina**, São Paulo/SP: Expressão Popular, 2012.

SANTOS DE MORAIS, Clodomir. **Elementos sobre a teoria organizacional no campo**. São Paulo: ANCA, 1986.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A. D. **Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything**. New

York: Portfolio. 2008.

TRAGTENBERG, M. **A delinquência acadêmica**. São Paulo: Editores Associados; Cortez, 1990, 2ª ed.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luan Vinicius Bernardelli: Doutorando em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Foi *Visiting Scholar* na Southern Cross University (Austrália) (2019). Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (2017). Atua nas áreas de Economia monetária e financeira, Economia Regional, Economia da Religião e Economia da Saúde. Também atua como revisor ad hoc em diversos periódicos nacionais e internacionais. Suas principais publicações apareceram em revistas como Estudos Econômicos (USP), *Journal of Religion and Health*, *Local Government Studies*, *Review of Social Economics* e Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 17, 19, 59, 91, 110, 114, 123, 137

Agroindustrialização 311

Alimentação 19, 107, 123, 124, 137

C

Consumo 92, 96, 98, 99, 103, 125, 136

Cultura 18, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 110, 135, 182, 183, 184, 186, 333, 392, 393, 394, 424, 436, 437

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 60, 72, 98, 114, 123, 137, 160, 172, 173, 175, 199, 200, 213, 216, 233, 245, 246, 250, 251, 253, 294, 295, 301, 302, 321, 335, 372, 373, 393, 394

Desenvolvimento Regional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 98, 246, 251, 394

Desenvolvimento Socioeconômico 372, 373

Dissidentes 173

E

Economia solidária 20, 147, 148, 151, 154, 158, 170, 171, 194, 221, 233, 371, 458

G

Globalização 31

I

Inclusão Digital 449

Inclusão Social 449

Incubadora 29, 180, 182, 185, 201, 204, 213, 214, 222, 223, 228, 231, 232, 234, 235, 239, 251, 254

Indústria de transformação 299, 300, 302, 304

Indústria extrativa 299, 300, 301, 302, 304

P

Participação 13, 66, 303, 304

Práticas agroecológicas 112

R

Rede 166, 170, 171, 204, 205, 207, 212, 214, 228, 229, 232, 349, 453, 459

Redes 32, 213, 216, 218, 454

S

Segurança alimentar 112, 115, 123, 320

Sociedade Civil 13, 17

T

Tecnologia Social 233, 449, 453, 457, 458, 459

Território 13, 14, 15, 16, 17, 32, 113, 245

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-505-1

